

Para onde vai o que sobrou do PFL?

O presidente do PFL, senador Hugo Napoleão, está certo de que o seu partido sobreviverá ao vendaval de 15 de novembro, declarando-se disposto a lutar pela permanência da sigla: "Não sou inventariante de espólio". Amanhã à tarde haverá reunião formal da comissão executiva do partido, no Senado.

Depois de uma semana ausente de Brasília, Hugo Napoleão disse que não abandonará seu cargo e ainda responsabiliza Aureliano Chaves pelo desastre eleitoral: "Ele prometeu renunciar à sua candidatura no dia 19 de outubro e não cumpriu a palavra. Disse aos jornais que deixaria o PFL dia 16 de novembro e ainda não saiu."

O senador piauiense admitiu que na reunião de amanhã a executiva poderá decidir pela convocação do diretório nacional para definir a posição do partido no segundo turno. Napoleão sabe que o PFL, em sua grande maioria, é um partido colorido, mas levantou uma dúvida: "Será que o Collor quer o apoio formal do PFL?"

Entre outros, não se comprometeram com Collor, além de Napoleão, o senador Divaldo Suruagy (AL) e os deputados Jofran Frejat (DF), Francisco Dornelles (RJ), Eunice Michilis (AM), Levy Dias (MS), Costa Ferreira (MA), Arnaldo Prieto (RS) — todos integrantes da executiva nacional.

O PFL participa do governo Sarney e é considerado partido aliado ao Planalto. Nenhum de seus líderes admite uma aliança com Lula. A grande dificuldade no apoio ao candidato do PRN é a posição de Collor contra o presidente — pessoal e politicamente das mais contundentes.

Quem aderiu ontem formalmente à campanha de Collor foi o governador do Pará, Hélio Gueiros. A informação foi dada pelo assessor do candidato, Cláudio Humberto, que garantiu ter o governador telefonado a Collor confirmando o apoio, "em respeito à vontade do povo do Pará". Ainda de acordo com o relato de Cláudio Humberto, Gueiros disse que está assumindo seu apoio a Collor em desafio à comissão executiva do PMDB.
